

# debate

A NOVELA *AMOR À VIDA* COLOCA EM PAUTA O DIREITO DO PACIENTE DE SABER A PRÓPRIA ESTIMATIVA DE VIDA

## “Doutor, quanto tempo eu tenho?”

Nicole é uma órfã rica, interpretada pela atriz Marina Ruy Barbosa na novela *Amor à vida*, da TV Globo. Depois de alguns sintomas, ela descobre que está com um tipo raro de linfoma de Hodgkin, e que a doença já comprometeu todo seu organismo. Diante da notícia bombástica, vem a pergunta: “Doutor, quanto tempo me resta?”. O médico tenta se esquivar, mas diante da insistência da paciente, finalmente responde: “Seis meses”.

Fora da ficção, a professora Claudia Tanaka, 42 anos, fez o mesmo questionamento. Vítima de um câncer no pulmão, ela se sentia muito mal em fevereiro de 2010. Com muitas dores e 15 quilos mais magra, procurou sua médica com a sensação de que estava chegando ao fim. “Eu perguntei: ‘Doutora, quanto tempo vou viver?’ Ela me falou: ‘Ninguém vai lhe responder isso’. Insisti, pois precisava saber, me organizar, me despedir, sei lá.

Reformulei a pergunta: ‘Qual é a estimativa de sobrevivência de um paciente com câncer metastático no pulmão e mediastino em estágio IV’? Ela não tinha como me negar e, então, respondeu que os pacientes viviam de dois a oito meses”, lembra.

Após a consulta, Claudia chamou a família para comunicar que estava abandonando o hospital e que não iniciaria nenhum tipo de tratamento. “Já que eu tinha tão pouco tempo, não queria ficar ainda mais fraca e careca por causa da quimioterapia. Depois de saber que eu ia viver tão pouco, ninguém contestou minha decisão de não me tratar mais”, recorda.

A coragem da Nicole e de Claudia é considerada rara pela psicóloga Mariana Machado. Especializada em Psicologia Oncológica, ela trabalha na unidade de cuidados paliativos do INCA. Para lá, são encaminhados os pacientes do instituto fora de possibilidade terapêutica. Ou seja, não é mais possível combater a doença, apenas amenizar dores e desconforto.

Segundo a psicóloga, é muito difícil um paciente perguntar o tempo de vida restante. “Os poucos que perguntam, na verdade, não querem saber a resposta e desistem de escutar antes de o médico se pronunciar”, afirma. Segundo Mariana, o perfil desse paciente é alguém que se preocupa com medidas práticas, como fazer um testamento, procurar pessoas ou apressar compromissos com familiares. “Já ouvi casos de pessoas que adiantaram a data do casamento para que o pai pudesse presenciar”, conta a especialista.

A reação depois da revelação dessa estimativa de vida é imprevisível. “Alguns ficam angustiados, com uma urgência enorme de viver. Outros se sentem paralisados e passam a agir como se não estivessem mais vivos”, diz Mariana, que acredita ser necessário investigar qual o verdadeiro motivo do questionamento. “Se a pessoa colocar dados objetivos, como providenciar acolhimento da família depois de sua morte, pode ser que esteja mais preparada. Mas se ficar em dúvida, em silêncio, talvez seja melhor aguardar ou comunicar à família”, avalia.

A presidente do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro (Cremerj), Marcia Rosa de Araújo, esclarece que, do ponto de vista ético, o médico deve informar tudo sobre a doença para o paciente, desde que não cause danos. “Cabe ao profissional explicar os cuidados, as possibilidades e dar possíveis alertas. Só que tudo isso é relativo. Precisamos avaliar caso por caso. Já soube de suicídios depois da notícia de que o paciente estaria em fase terminal, com poucas chances de vida”, ressalta.



“Eu morri ao saber que tinha pouco tempo para viver. Mas o tempo passou, os exames mostraram melhoras que não eram esperadas, e os médicos suspenderam a quimioterapia. Agora, só faço tratamento paliativo. Como você pode ver, não morri”

CLAUDIA TANAKA, professora

## CONTRARIANDO A EXPECTATIVA

Pouco tempo depois de saber que lhe restavam no máximo oito meses de vida, a professora Claudia conheceu uma família de médicos formada por um cardiologista, um patologista e um pneumologista. Eles pediram para ver seus exames e a convenceram de que a quimioterapia seria a única saída para conseguir passar o Natal de 2010 com seus familiares.

Claudia, então, retomou o tratamento e, ao conceder esta entrevista à REDE CÂNCER, em julho último, era voluntária da Fundação Laço Rosa, que cede perucas para as pacientes que perderam os cabelos com a quimioterapia. “Se eu não iniciasse o tratamento, morreria mais rápido. Eu só chorava, olhava para tudo me despedindo. Enfim, a vida já tinha acabado bem antes do ‘prazo’. Eu morri ao saber que tinha pouco tempo para viver. Doei roupas e sapatos. Escolhia o que iria vestir com muito cuidado porque ‘podia ser hoje’. Mas o tempo passou, os exames mostraram melhoras que não eram esperadas, e os médicos suspenderam a quimioterapia. Agora, só faço tratamento paliativo. Como você pode ver, não morri”, sorri.

A presidente da seção fluminense da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBCO-RJ), Maria de Lourdes Lopes de Oliveira, afirma que não há como precisar a data do óbito. No entanto, com base no estágio da doença e nas condições clínicas do paciente, pode-se calcular uma estimativa. “Todos os tipos de câncer têm estadiamento e estatísticas relacionados à sobrevida e à taxa de recidiva. Mas isso é dinâmico, pois, com a descoberta de novas drogas, cada vez mais a sobrevida do paciente, mesmo com doença metastática, aumenta. O câncer de colón [com metástase], de 2000 até agora, teve mudança na expectativa de vida, passando de alguns meses para quase três anos”, exemplifica.

O oncologista clínico Firmino de Azevedo fez a opção de não dar nenhum tipo de estimativa para seus pacientes. Atualmente aposentado do INCA, o médico lembra de várias histórias em que as previsões contrariaram em muito as expectativas. “Podemos avaliar alguns aspectos da vida do paciente: se ele fuma, se tem diabetes, se é idoso. A probabilidade de uma pessoa nessas condições não resistir por muito tempo é maior do que um jovem que não tenha outros agravantes. Só que tudo é imprevisível. Nunca falei um número sequer ou estimativa de meses que

Raphael Dias



A atriz Marina Ruy Barbosa, ao lado de Ricardo Tozzi, em cena de *Amor à vida*

um paciente meu poderia durar. Acho que isso não o ajudaria em nada”, afirma.

Azevedo finaliza com o exemplo de um senhor que, aos 76 anos, escutou de seu médico a notícia de que teria poucos meses de vida. O paciente morava em Portugal e se mudou para o Brasil porque queria morrer em seu país. Hoje ele está com 88 anos, mas o médico que deu a previsão morreu. ■